

Os impensados de Portugal nos cem anos de Eduardo Lourenço

P publico.pt/2023/05/23/culturaipsilon/noticia/impensados-portugal-cem-anos-eduardo-lourenco-2050639

Luís Miguel Queirós

Um congresso, novas edições e a inauguração de uma estátua marcam esta terça-feira, em S. Pedro de Rio Seco e na Guarda, a abertura das comemorações do autor de *O Labirinto da Saudade*.

Luís Miguel Queirós

23 de Maio de 2023, 8:04

É com uma cerimónia de homenagem em S. Pedro do Rio Seco, freguesia do município de Almeida onde Eduardo Lourenço (1923-2020) nasceu há exactamente cem anos, que abre esta terça-feira de manhã, pelas 10h30, o programa oficial das comemorações do centenário do grande ensaísta português, que inclui, além de um congresso organizado pelo Centro de Estudos Ibéricos na Biblioteca Municipal da Guarda e da inauguração de uma escultura de Pedro Figueiredo no Jardim José de Lemos, na mesma cidade, a edição de uma nova fotobiografia dedicada ao autor e o lançamento do livro *Eduardo Lourenço – Uma Geopolítica do Pensamento*, de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi.

Ainda durante a manhã, na freguesia natal do pensador, o músico e multi-instrumentista César Pratas e o *diseur* Rui Spranger apresentarão, com alunos do ensino secundário de Almeida, a sessão *Ler Eduardo Lourenço em S. Pedro do Rio Seco, ensaios para um Roteiro Literário musicado*.

O programa muda-se ao princípio da tarde para a Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço (BMEL), na Guarda, onde haverá uma sessão solene de abertura das comemorações, seguida da inauguração, pelas 15h15, de uma exposição de fotografia de Alfredo Cunha, cujo título, *Contrariado, mas vou...*, parece aludir à dificuldade de Lourenço em recusar solicitações, mesmo quando estas não o entusiasmavam por aí além.

Um quarto de hora mais tarde começa, também na BMEL, o congresso Leituras de Eduardo Lourenço, cujo primeiro painel, *O Esplendor do Caos*, título de um livro publicado pelo autor em 1998, será moderado pela directora da Biblioteca Nacional, Inês Cordeiro, e terá como conferencistas Roberto Vecchi, o jornalista José Carlos Vasconcelos, o ensaísta João Dionísio e Maria Manuel Baptista e Fernanda Castro, co-autoras, com Manuela Cruzeiro, da fotobiografia *Tempos de Eduardo Lourenço*, editada pela Contraponto, e cujo pré-lançamento terá lugar logo a seguir a esta sessão, com a presença das três autoras.

O primeiro dia das comemorações terminará com a já referida inauguração da escultura *Eduardo Lourenço*, de Pedro Figueiredo, e com um concerto, no Teatro Municipal da Guarda, pela Orquestra Académica Filarmónica Portuguesa, dirigida pelo maestro Osvaldo Ferreira, a que se seguirá uma leitura de textos de Eduardo Lourenço por Eduardo Neves. Mas antes disso, ainda na BMEL, será lançado o livro *Eduardo Lourenço – Uma Geopolítica do Pensamento*, de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, responsáveis pela cátedra Eduardo Lourenço em Bolonha, e que tinham já organizado, em 2014, um volume publicado pela Gradiva que reuniu os textos dedicados por Lourenço à questão colonial: *Do Colonialismo como Nosso Impensado*.

O mundo que fez o português

É justamente este tópico do impensado que volta a estar subjacente ao novo livro agora organizado pelos mesmos autores, e que reúne textos produzidos no âmbito da cátedra de Bolonha, que o Instituto Camões instituiu em 2007, quando o pensador português foi doutorado *honoris causa* por aquela universidade italiana.

“É um livro onde reunimos uma série de intervenções em seminários e outros textos que fomos publicando, tentando construir a partir deles uma linha crítica coerente, organizada a partir de conceitos, quer de ordem contextual – por exemplo, a Europa, ou o Atlântico Sul –, quer inerentes ao próprio pensamento de Eduardo Lourenço, como a comunidade ou o trágico, uns e outros partilhando um elemento comum que é o tema do impensado”, explica Roberto Vecchi. “É a partir dessa ideia do impensado que desenvolvemos uma reflexão sobre duas linhas temáticas do pensamento de Eduardo Lourenço: o salazarismo e o colonialismo, que o professor definiu como os dois grandes impensados de Portugal”.

Se os textos com que Margarida Calafate contribui para este volume estão mais próximos da tradição dos estudos pós-coloniais, os de Vecchi desenvolvem mais a dimensão conceptual, e é do diálogo entre ambos que emerge uma leitura da obra de Lourenço “como uma espécie de geopolítica”, assinala o ensaísta italiano.

Um e outro destacaram ao PÚBLICO “o privilégio” de terem podido contar com a disponibilidade de Eduardo Lourenço para organizar o volume *Do Colonialismo como Nosso Impensado*, “um livro diferente” na obra do ensaísta, sugere Margarida Calafate, porque “ele próprio não tinha bem a noção da quantidade de textos que tinha produzido sobre a questão colonial”.

É a estadia e vivência de Eduardo Lourenço no Brasil, para onde vai em Maio de 1958 para ensinar Filosofia na Universidade da Bahia, que marca verdadeiramente o início das suas reflexões em torno da questão colonial. “O Brasil fez-lhe ver o que era viver sob a herança colonial, perceber como um país se constrói a partir a partir desse legado, que no caso do Brasil incluía a escravatura. E isso interpelou-o muito”, diz Margarida Calafate. “Por outro lado”, prossegue, “quando volta à França, em 1959, está a decorrer a guerra da Argélia, que marcou profundamente a sua reflexão”.

O Brasil fez-lhe ver o que era viver sob a herança colonial, perceber como um país se constrói a partir a partir desse legado, que no caso do Brasil incluía a escravatura. E isso interpelou-o muito"

Mais do que discutir se Lourenço já tinha um pensamento pós-colonial, o que Margarida Calafate considera “muito antecipador foi ele ter percebido muito bem, já nos anos 60, de que foi pelo facto de sermos brasileiros que somos os portugueses que somos, e também por sermos angolanos, moçambicanos, guineenses...”. Se o teórico do luso-tropicalismo, Gilberto Freyre, que o pensador português “questionou desde o início”, observa Calafate, “falava do mundo que o português criou, Lourenço pensava mais no mundo que criou o português”.

A investigadora participa esta quarta-feira no segundo dia do congresso Leituras de Eduardo Lourenço, na biblioteca da Guarda, que abre de manhã com o painel *Sobre o Espírito da Heterodoxia*, e termina a meio da tarde com a sessão *Tempo Português e Outros Tempos*.

Este arranque das comemorações na BMEL termina com o lançamento do livro *Vida Partilhada – Todos nós Ibéricos*, de Eduardo Lourenço, e com a inauguração de uma mostra de livros da biblioteca pessoal do autor: *Feito de Papel Com Um Coração no Fundo: Sobrevoando a ‘Mala’ de Eduardo Lourenço*.

Agora que Lourenço já não está entre nós, Roberto Vecchi defende a urgência de que a sua obra seja abordada “com uma grande responsabilidade crítica e filológica”, já que, doutro modo, argumenta, “sendo a sua uma obra morfologicamente tão fragmentária, corre-se o risco de, ao interrogar-se o fragmento, se projectar nele a interpretação do crítico e não a do autor. Um perigo que considera acrescido pela circunstância de Eduardo Lourenço ser “um autor muito complexo do ponto de vista estilístico, que usa uma série de figuras de oposição – a ironia, o quiasmo, o oximoro, o paradoxo –, que tornam mais difícil interpretar os textos”.